

## COMO SE FAZ UMA BENZEDEIRA E O CASO DE DONA MARIINHA

Carolina de Castro Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é estabelecer uma possível estrutura verificável no ofício das benzedeadas. Partindo do cruzamento entre as informações colhidas, através de entrevistas, realizadas nos dias 17 e 18 de Outubro de 2020 com Dona Mariinha, benzedeadas e moradora de São Lourenço, e os apontamentos tratados por Alberto Quintana em: “A ciência da benzedura” e Carlos Rodrigues Brandão em; “Os Deuses do povo”. Com base nessas duas literaturas, principalmente, buscamos identificar e analisar as relações sociais onde a ocupação das benzedeadas está preenchida de sentido e as características individuais e culturais que edificam a existência dessa personagem.

**.Palavras-chave:** benzedeadas, rezadeiras, terapêuticas populares.

A cultura da reza e do ato de benzer faz parte dos hábitos de fé dos brasileiros. Rezadeiras e benzedeadas são comumente mais encontradas nas cidades do interior, ainda sim, é possível afirmarmos que elas integram a cultura popular brasileira, de maneira geral. No entanto como salientou (BRANDÃO, 1986, pg 35), esses são sujeitos criados pelas suas comunidades e compõem aspectos de resistência e do desejo de acesso aos elementos devocionais, por parte de parcelas mais empobrecidas da população. A fé na palavra profetizada pelas rezadeiras compõe o arsenal de crenças populares e representa a ânsia do povo por elementos religiosos mais acessíveis e não restritos aos ambientes catedráticos e eruditos.

O conjuro é a principal ferramenta que constitui o ofício da benzedura. O fazer da terapêutica popular, envidado pelas benzedeadas, encontra-se estruturado sobre oralidade. As rezas e bênçãos são expressões simbólicas que ocorrem através da linguagem falada, em forma de invocações, orações e ladainhas. Ainda assim, em muitos casos, a fala da rezadeira é acompanhada de gestuais ritualísticos, associados ao uso de plantas e artefatos como brasa, tesoura, agulha e barbante. (QUINTANA, 1999, pg.58).

Historicamente no Brasil, os saberes e fazeres das benzedeadas se edificam em regiões rurais. Posteriormente, ocorre grande migração para as cidades e a cultura da reza e da bênção se adapta, com algumas perdas, ao espaço urbano.

Na origem dessas terapêuticas populares, é possível encontrarmos a resistência que se perfaz pela busca e manutenção da saúde, por parte dos povos marginalizados. Esse

aspecto, compõe o ofício das benzedeadas que, comumente, são também detentoras de conhecimentos acerca de propriedades curativas de plantas, maneiras e preparos de infusões, tinturas, emplastos, unguentos, etc. (QUINTANA:1999)

Em lugares geograficamente mais isolados como as chapadas e serras, ainda é possível encontrarmos a figura das parteiras que além de realizarem os partos e outros procedimentos médicos também rezam e abençoam, entoam canções devocionais e ladainhas. A constituição do ofício das benzedeadas configura padrões, tanto no que diz respeito a ordenação das relações de credibilidade com o meio social, quanto na estrutura de suas histórias individuais. Dessa maneira, observando essas recorrências, se tornou possível estabelecermos alguns componentes que estruturam o ofício da benzedura.

Os elementos contumazes que apontam para o universo simbólico mobilizado pelas rezadeiras, são capazes de proporcionar o encontro entre a cultura popular e os saberes eruditos. É possível estudarmos e descrevermos o ofício da benzeção, ao mesmo tempo que, no âmbito da cultura popular, ele está ligado a fé e não exige a compreensão racional por parte dos fiéis. (QUINTANA:1999)

Seguindo essa lógica, destacamos três generalidades verificáveis Nos saberes e fazeres das benzedeadas. São elas: O dom, a missão e os milagres.

O primeiro elemento que iremos tratar aqui, como aquele capaz de invocar a fé da população, é o dom. Como aponta (QUINTANA, 1999, pg.78) o dom é a sinalização de que a habilidade da cura através da reza não será totalmente compreendida a partir dos parâmetros racionais, por isso a fé será necessária. A aptidão de curar pela reza e benzeção, se encontra no âmbito do sagrado e do misterioso, por isso a crença é na cura através da palavra conjurada. Literalmente, o dom é percebido como um presente, o qual foi creditado à benzedeadas.

A missão está associada ao sacrifício feito em função de suprir as necessidades dos fiéis. Aqui está presente, de maneira intensa, a noção de caridade e de serviço. Tal aspecto traduzido, significa para a comunidade uma visão sobre a rezadeira como sendo um ser de extrema bondade e por isso digna de toda credibilidade, alguém que vive pelo propósito e com a incumbência de ajudar à todos.

Os milagres, no âmbito da crença popular da cura pela reza, são vistos como acessíveis e até mesmo corriqueiros, quando intermediados pela invocação da benzedeira. Dessa maneira, os saberes das rezadeiras se compõem estrategicamente como necessários à realização dos milagres, entendidos como dádivas. O papel de intermédio entre o sagrado e o secular é feito pela invocação da palavra e da intenção verbalizada e articulada pela benzedura.

### 1.2-O Dom:

No Sul de Minas Gerais, região de São Lourenço, vive Mãe Mariinha, conhecida também como Dona Mariinha benzedeira. Em uma casa, localizada no bairro do Carioca, ela atende diariamente, diversas pessoas que solicitam seus cuidados. Conhecida por muita gente na cidade e imediações, Dona Mariinha já recebeu homenagens no Sul de Minas e em outros municípios. A primeira pergunta que fizemos à Dona Mariinha foi se ela aprendeu a benzer como e com quem isso aconteceu. O objetivo dessa pergunta foi o de entender se é possível aprender a curar pelo ato de rezar e abençoar.

“Eu tenho mistério muito grande nessa vida fia (...), eu nasci assim, pequenininha! Quando minha mãe estava grávida de mim (...). Meu avô era curador, era daqueles homi que tratava da homeopatia, tratava de remédio, fazia tudo. Meu avô deixou uma lenda! (...). Minha mãe morava em Carmo de Minas! Eu fui homenageada em Carmo de Minas! Eu fui homenageada lá em Carmo de Minas, a hora que eu fui de joelho pro altar, o sino bateu sem ter nenhuma pessoa lá dentro da Igreja! Quando eu ajoelhei na porta da igreja o sino começou a fazer: “*béim, béim*”!. Foi subindo, que o povo do Carmo de Minas entrou tudo na igreja correndo. Quando eu cheguei no altar eu recebi um Jesus e o povo veio tudo por mim, veio tudo me abraçar e me beijar, as crianças (...). Só você vendo que beleza que foi, em três pontas foi a mesma coisa, recebi buquês de rosas! Em Curitiba minha fia (...)”. (Dona Mariinha).

A resposta de Dona Mariinha vai de encontro ao que (QUINTANA,1999, pg. 75), explicou sobre a origem do ofício da benzeção, ou seja, as rezadeiras são portadoras de um dom, significa dizer que elas não são sistematicamente ensinadas ou ensinam alguém a praticar o ofício da cura pela reza. Muitas vezes aprendem de maneira mimética, mas em grande parte, associam o ato de rezar a um dom recebido e não à um conhecimento adquirido. Assim sendo, evidencia-se o fato de que elas, em algum

momento de suas vidas, foram convocadas a exercer uma atividade envolta no desconhecido, como disse Dona Mariinha acima: “Um mistério muito grande”. Para o autor, esse lugar assumido por elas nas relações sociais das quais fazem parte, ou seja, o de intermediárias da boa vontade divina, sem nem mesmo terem pedido por isso, é essencial para a eficácia do processo terapêutico que perpetuam. Os fiéis que buscam os cuidados das rezadeiras, entendem que elas são especiais já que são portadoras desse dom e por esse motivo, se sentem inspirados a depositarem fé nas narrativas envidadas por elas. A compreensão sobre a vida, a morte e a doença, expressas através da atuação da benzedura e da reza, é o que possibilita o acesso e a cognição acerca desses fatores até então racionalmente intangíveis. Através da linguagem e dos simbolismos tornados materiais pela verbalização, as rezadeiras viabilizam o entendimento daquilo que anteriormente tinha deixado de fazer sentido, como é o caso do acometimento por uma doença ou até mesmo a morte.

Quando perguntada sobre o entendimento acerca do porquê de ela ser portadora desse dom, Dona Mariinha revela a dimensão intangível da fé, capaz de ser explicada somente pela devoção do fiel: “Por que Deus quis(...)”. (Dona Mariinha).

Ao explicar sobre a origem do seu dom e quando começou a exercer o ofício da reza, ela nos revela sobre a experiência mística que viveu ainda na infância, e de que maneira essa vivência foi assimilada como uma espécie da chamado para que ela cumprisse sua missão:

“Eu vi sete anjos quando eu era pititinha eu tinha 6 anos e tudo com a lanterninha na mão, o anjo qual mais bonito do que o outro, e eu rezo (...). Um senhorzinho que estava acamado, de idade. Eu falei: - “O senhor vai levantar dessa cama e ainda vai trabalhar!”. As pernas dele era tudo ferida, eu rezei 3 dias, pequitinha e ainda saí catando remédio pra ele curar a perna. Quando fez 3 dias ele tava sentado no banquinho dele, sarou e ainda foi trabalhar”. (Dona Mariinha).

A composição do dom, expressa por Dona Mariinha, vai de encontro ao que (QUINTANA,1999, pg.78), descreveu como sendo: “ uma comunicação privilegiada com o sagrado associada à uma experiência mística”. É exatamente a partir desse fato que se constrói o poder da benzedeira perante a sociedade que a circunda. O dom é o da comunicação clara com um universo racionalmente insondável.

1.2-A Missão e o Sacrifício:

Ao incumbirem-se do papel de intermediárias e tradutoras da vontade cósmica, as rezadeiras assumem o lugar de missionárias e expressam o aspecto da ação pautada pelo sacrifício. Faz parte da narrativa da vida das benzedadeiras, a ideia de que a mesma força que provê o dom da cura pela reza, provê o ímpeto para que elas possam cumprir suas jornadas e para que suportem todo o sacrifício ao realizar a missão para a qual foram predestinadas. Tais forças estariam portanto totalmente relacionadas ao seus propósitos de vida. Assim sendo, o objetivo indefectível da vida da rezadeira, ou seja o de curar pela benção e pelos seus saberes adquiridos com o dom, se manifesta antes mesmo que ela comece exercer o ofício. Suas histórias de vida nos levam a entender que, desde o nascimento até o fim da vida, o destino já estava traçado com uma única finalidade: a de ajudar a reestabelecer a saúde o bem estar e a qualidade de vida para quem necessita. Tal posicionamento, de devoção ao bem comum, é visto pela comunidade como um ato de doação desinteressada e como um sacrifício com a própria vida. Essa noção que permeia as associações entre a comunidade e a benzedeira se fortalece ainda mais porque as rezadeiras, via de regra, não cobram por seus serviços. Sua vida e sua ocupação são marcados por relações de doação. De acordo com (QUINTANA,1999, pg.83), essa entrega da própria vida ao serviço é o que fortalece o vínculo de confiança entre a sociedade e a benzedeira.

O padrão apontado pelo autor se confirma na vida de Dona Mariinha. Além de benzedeira, ela dedicou-se a enfermagem por mais de 20 anos e desde então tem oferecido ajuda material e espiritual para todos que a requisitam. Sua casa fica aberta todos os dias, praticamente o dia inteiro. Quando ela sai de casa, uma placa fica pendurada no portão com os dizeres: “volto já”.

As sociedades e comunidades, pouco ou nada assistidas pelo Estado e/ou descapitalizadas, em muitos momentos buscam soluções endêmicas para amenizar o vácuo deixado pela falta de políticas públicas de saúde e de bem estar. (FOUCAULT:2006)

Essa afirmação é verificável e ganha força quando se trata de assistência oficial para a população rural ou para as comunidades localizadas em lugares de difícil acesso, como é de fato muito comum nas regiões imediatas de São Lourenço, onde Dona Mariinha atua.

Ainda assim, o que podemos perceber é que mesmo depois de todo o desenvolvimento da medicina e das abordagens racionais as pessoas buscam os fazeres das rezadeiras, não como forma de voltar ao passado, ou como negação da medicina formal, mas principalmente, para conseguirem assimilar uma narrativa que faça sentido num constructo simbólico cognoscível. Esse processo proporciona conforto e entendimento para quem necessita e constitui-se como um elemento terapêutico. (QUINTANA:1999). Sobre isso, perguntamos à Dona Mariinha se ela sentia que a procura por seus serviços havia diminuído desde que ela se mudou para a cidade:

“-(...) Vem muita gente! Hoje encheu isso daqui! Alá como é que eles vem! Pedir comida (...).

Dona Mariinha nos conta de um caso ocorrido quando ainda era pequena, onde ela entende que sua vida foi usada, como sacrifício, para salvar e proteger outras vidas:

“Eu já caí numa caverna de muita fundura quando era pititinha! Foi um cachorrinho que me achou. Aonde eu cai, caiu muita gente, morreu muita gente e ninguém sabia(...). Aí eu caí lá, fiquei sentadinha na raiz de pau e lá de baixo aquela arvore espalhada, que saía da montanha e por baixo da montanha e ia embora... Eu fiquei ali, naquela caverna (...).Ai quando a cachorrinha latiu, meu pai falou pro delegado: “Ela ta aqui”! Chamou o delegado, delegado veio, tinha um lugar do capim que fundou eu tinha ido no fundo, aí o delegado falou assim: “Vamo arranjar uma corda muito comprida e vamo descer uma lanterna amarrada na corda, se ela tiver viva a corda vai ser um telefone” (...) Aí eu amarrei a corda na cintura com a lanterna e tudo e ele me puxou pra cima, foi puxando, puxando, puxando.. puxou eu saí tudo cheia de coisa de capim! Aí meu pai controlou a corda ele subiu e desamarrou e falou pro pai: “Quanta gente tá morta la embaixo! Eles têm que enterrar essa caverna senão vai morrer muita gente aqui e ninguém vai descobrir”. Então pela minha pessoa é que descobriu, e aí tamparam a caverna. Aí levaram terra pedra e tamparam a caverna! A minha vida de criancinha salvou um montão de vida”. (Dona Mariinha).

Essa passagem sobre a vida de Dona Mariinha, contada por ela, deixa claro a ideia de sacrifício que permeia o ofício da benzedeira. Quintana aponta que o martírio é marca flagrante na composição da trajetória da rezadeira e isso faz com que fique claro para a comunidade que sua vida está disponibilizada ao bem comum. A partir daí a população entenderá que o ofício de curar pela reza é o dom e a missão da vida da benzedeira. Por essa razão, ela não negará auxílio a ninguém e envidará os esforços que forem necessários para colocar-se a serviço do povo. As relações que constroem e sustentam o ofício das benzedadeiras são compostas dessa ideia de intensa responsabilidade com o

dom recebido e de sacrifício para o cumprimento da missão. Fica implícito a noção de que, desde que recebeu o dom de curar pela reza, recebeu também a incumbência de ser caridosa com a sociedade que a enaltece e que dela necessita, dessa maneira, ela estará sempre disponível a mobilizar seus saberes e fazeres para auxiliar à todos.

### 1.3-Os milagres:

Os milagres são parte importante na fundamentação e estruturação das crenças e ocupam diferentes lugares em cada uma delas. A fé depositada na atuação das rezadeiras e benzedadeiras está localizada no âmbito das relações que perpassam os credos populares. Como aponta (BRANDÃO,1986. Pg.34), as benzedadeiras ocupam a categoria dos profissionais de fé não eruditos. Isso não quer dizer que essas mulheres são vistas como milagreiras mas sim como intermediárias entre a vontade humana e a vontade divina. É exatamente esse o fato que põe as benzedadeiras em posição de assumir o papel de agentes do reajuste e do reequilíbrio. A ocorrência dos milagres, no contexto simbólico das crenças populares, não é algo que diz respeito a qualquer escapismo da ordem natural das coisas, pelo contrário, ela é expressão do retorno à essa ordem. Como é o caso da cura de uma doença. Como escreveu (BRANDÃO,1986): “O milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade (...). Ele não é a quebra mas a retomada “da ordem natural das coisas” na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo (...)”.

O campo dos milagres populares ocorre como expressão literal do encontro mútuo entre o desejo de ambos os lados, tanto do sagrado quanto do humano. Traduzido pela linguagem da reza, a aspiração para que a saúde retorne e vença a doença, para que o sujeito se estabeleça num emprego melhor ou para que a união se concretize, torna o milagre palpável. O indivíduo que está doente necessita e quer a cura, quer retomar ao seu estado nato: o de um ser saudável. A pessoa que almeja um melhor emprego, pede por bênçãos porque entende que é um direito natural o de ter melhores condições materiais de existência, assim como o sujeito que reclama dádivas para sua união está envolto em relações que legitimam como natural e desejado o direito ao matrimônio. Assim sendo, recorre-se às rezadeiras e benzedadeiras como intermediárias dessa

reorganização e expressão da vontade divina de que esses rearranjos aconteçam. Essas reconstituições, no entendimento do fiel caracteriza o milagre.

Sobre os milagres Dona Mariinha nos conta de um caso, onde está claro que a fé na reza diz respeito também às questões de aspecto mundano e material:

“Veio um rapaz aqui que estava estudando, que ia formar para advogado e tava com dificuldade. Eu fui e disse: -Vai estudar, que você vai passar eu vou te dar equilíbrio-Ele estudou (...), quando vê, chegou aqui com diploma de advogado, aí depois ele voltou:-Dona Mariinha, quero ser juiz-Eu disse: -Vai em frente que eu vou te ajudar você vai chegar lá- Quando foi, ele virou juiz e depois ele veio me encher o saco de novo (risos) e me disse:-Dona Mariinha eu quero ser procurador- Eu disse:- você não acha que tá pedindo demais não (risos), você tá me deixando caduca já- Ele falou: -Não! Eu quero ir lá- Eu falei: -Você vai chegar lá-. E subiu mesmo menina! hoje ele é procurador da república em Belo Horizonte!”. (Dona Mariinha).

A partir desse caso, conseguimos entender que a noção de milagres no âmbito da fé depositada nos poderes da benzeção, não se dissocia o sobrenatural do secular. Qualquer necessidade pode ser satisfeita se houver a devoção e a fé. Ainda sob a perspectiva de que os milagres, no contexto das crenças populares, fazem o papel de reajuste e o retorno à ordem natural das coisas, transcrevemos aqui a narrativa de Dona Mariinha sobre o caso onde sua reza curou um sujeito que foi picado por uma cobra. Ela nos conta como aconteceu:

“(...)Mordeu as oito horas, ele caiu no terreiro da casa dele e eu rezei. Daqui eu rezei na serra do Marimbondo eu falei pra esposa dele: -Você bebe um golinho de água que eu vou beber um golinho daqui contra o veneno(...) quando for 9 e 15 você me liga pra traz pra eu saber como é que ele tá-. Aí naquele intervalo eu liguei para o hospital de São Lourenço não tinha o soro(...), só lá em Varginha, pra ele sair lá de cima do morro do Marimbondo, não tinha bicicleta, não tinha moto não tinha carro, não tinha vizinho (...) ele ia chegar em Varginha morto! Daqui eu bati a oração (...) quando foi 9 e 15 ela ligou pra mim falou: -Dona Mariinha ele pediu pra levantar, deu o braço pra ele arrastei ele e sentei no banco-.

Quando perguntamos à Dona Mariinha como ela explica esse ocorrido ela nos conduz, mais uma vez, para o campo da devoção. Sugerindo que a compreensão racional não será útil, pois nem ela mesma é capaz de entender os milagres a partir da razão:

“Não sei!! Não sei fia (...) quando vê eu vou lá! Eu vou em qualquer lugar! Se ocê fala pra mim de São José dos Campos eu tô lá perto docê! Eu vou lá na hora!

Se ocê falar assim: “Dona Mariinha me ajuda”! Eu tô lá perto docê! O que eu puder fazer procê eu vou fazer !!”. (Dona Mariinha).

### **Considerações Finais:**

A partir do relato de Dona Mariinha associado ao ferramental teórico aqui utilizado, concluímos que o ofício da benzeção possui sim uma estrutura que o caracteriza. Essa estrutura se repete e pode ser verificada e está composta por três elementos fundamentais, responsáveis tanto pela edificação da personagem da benzedeira quanto das relações sociais que dotam de sentido o ofício da benzedura. Dessa maneira é possível compreender esse ofício de maneira regular, entendendo o campo que o permeia e constitui.

As técnicas de terapêuticas populares se originam muito antes da ciência moderna. Os saberes e fazeres acerca da cura, localizados no contexto das culturas dos povos autóctones e originários podem nos servir de pontes para reformularmos nosso olhar e nossa maneira de entender o mundo. (SHIVA:2001)

Não se trata de voltar ao passado e agir como se nunca tivéssemos tido contato com o paradigma científico, ao contrário disso, se trata de não ignorarmos saberes ancestrais e não deixarmos que sejam soterrados pelo referencial moderno reducionista.

Nosso modelo de desenvolvimento atual, baseado nos paradigmas da ciência, reduzida aos limites da disciplina, serve de apoio para um padrão econômico baseado na exploração de recursos. Esse modo de pensar e existir, tem nos confrontado com a necessidade de se buscar alternativas diante de sua inquestionável insustentabilidade. (ARRIGHI:1997).

No entanto, é impossível realizar essa busca se o nosso molde mental está limitado pelo pensar reducionista. Essa referência hegemônica tem configurado nosso olhar em todos os aspectos da vida, inclusive no que diz respeito aos estados de saúde e doença e sobre ser e estar no mundo.

O ofício das curandeiras, rezadeiras, parteiras, mateiras e todos àqueles que compõem as terapêuticas populares representam uma outra visão sobre o mundo e as relações humanas. Nesse modelo cognitivo, uma cosmovisão está presente e a partir disso não existem elementos que possam ser excluídos. Tudo faz parte de tudo, dessa maneira a doença não é entendida somente pelo seu aspecto concreto. O corpo não está restrito às

funções orgânicas mas é entendido como expressão de comunhão com universo. Todas as influências são consideradas. É problemático perceber como a ciência tem se apropriado dos saberes que considera útil e principalmente comercial, mas têm marginalizado sistematicamente, aqueles saberes que considera credices ou apenas fruto de ideias infundadas. Diante dessa perspectiva entendemos ser de extrema valia o registro e a sistematização de formas populares de tratar e curar as pessoas, como é o caso de Dona Mariinha e o ofício da benzeção.

### **Referências Bibliográficas:**

- 1-ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. 3 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- 2-BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- 3-FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder. Por uma genealogia do poder; organização e tradução de Roberto Machado**. 13a ed. Rio de Janeiro: graal, 1998.
- 4-MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova guiné melanésia**. São Paulo: Abril S.I. Cultural e Industrial, São Paulo., 1976. (Os Pensadores). Tradução de Anton P. Carr (Capítulos I - XV) e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça (Capítulos
- 5-QUINTANA, Alberto M.. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise..** Bauru: Edusc, 1999.
- 6-SHIVA, Vandana. **Biodiversidade e Conhecimento Popular. Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Vozes ed. Petrópolis: [s.n.], 2001. .

